

Festejos no Porto pelos casamentos dos príncipes D. João com D. Carlota Joaquina de Bourbon e de D. Mariana Vitória com D. Gabriel de Bourbon

Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves
CEPESE. Universidade do Porto

1. Introdução

O duplo casamento efectuado em 1785 entre dois filhos de D. Maria I (1734-1816/1777-1816) e do rei consorte D. Pedro III (1717-1786), o infante D. João (1767-1826) e a infanta D. Mariana Vitória Josefa (1768-1788), com dois membros da Casa Real de Espanha, respectivamente a infanta D. Carlota Joaquina de Bourbon¹ (1775-1830), filha dos Príncipes das Astúrias², e o infante D. Gabriel António Francisco Xavier de Bourbon (1752-1788), filho do rei de Espanha³ Carlos III (1716-1788) e da rainha Maria Amália da Saxónia (1724-1760), motivaram grandes festejos nos dois reinos peninsulares⁴.

Nas manifestações de júbilo de 1785, que se inserem no designado «cycle humain individuel de la famille régnante»⁵ (Martine Boiteux), encontramos a permanência do esquema da festa barroca. Esta, cujo mecanismo político/artístico se estruturou a partir do Renascimento – com formas herdadas do passado romano e medieval – encontrou nos séculos XVII-XVIII, as épocas da sua total identificação com o poder. O rei, e por extensão a família real, é o actor/espectador por excelência de um ritual complexo, que o mitifica

¹ PEREIRA, Sara Marques – *D. Carlota Joaquina Rainha de Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008; CASSOTTI, Marsilio – *Carlota Joaquina. O Pecado Espanhol*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

² Futuro Carlos IV (1748-1819), rei de Espanha de 1788 a 1808, casado com Maria Luísa de Parma (1751-1819).

³ Rei de Nápoles de 1734 a 1759 e rei de Espanha de 1759 a 1788.

⁴ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Formas de arte efêmera no duplo consórcio Bragança-Bourbon em 1785, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ciências e Técnicas do Património*, I Série, vol. III. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 95-108; idem – O sagrado e o lúdico em movimento: procissões e cortejos nos festejos do Duplo Consórcio de 1785, in *Poligrafia*, nº 11/12. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2004/2005, p. 9-33.

⁵ Fêtes et traditions espagnoles à Rome au XVII siècle, in *Barocco Romano e Barocco Italiano. Il teatro, l'effimero, l'allegoria*. Roma/Reggio Calabria, 1985, p.

perante uma nobreza dependente da sua liberalidade grandiosa⁶, e um povo quase ausente do seu quotidiano e que apenas o vislumbra. Pela festa, consequência de motivações diversas⁷ – nascimento, casamento, aniversário, morte, entrada pública, coroação, vitória militar – o monarca torna-se num objecto de culto. Lugar tenente de Deus na terra, e a quem Deus designa como «divino», no conceito de Jaime I (1566-1625), rei da Escócia (1567-1625), da Inglaterra e Irlanda (1603-1625), expresso no *Basilikon Doron* (Edimburgo, 1599)⁸, o soberano vai ser o centro da festa barroca, metamorfoseando-se, por vezes, numa divindade – Febo-Apolo/Luís XIV (*Ballet royal de la Nuit*, dançado pelo rei em 1653)⁹ – ou presidindo a um Olimpo familiar, como Jean Nocret (1615-1672) representa Luís XIV (1638-1715) e a sua família.

A festa, como imagem do poder, reproduz-se no *Ancien Régime* nos diversos poderes que o constituem, com programa e impacte proporcional à importância do motivo festivo; da mesma forma, o espectáculo/imagem do poder, que atingiu o modelo acabado no Barroco, será mantido nos séculos seguintes com as diferenças próprias de cada época, com momentos de grande esplendor.

Referidas as motivações, várias questões se levantam em relação à festa barroca relacionada com o poder¹⁰ centrada no mundo português. Se a capital, e principalmente o lugar onde está a corte, é o espaço onde se realizam as principais festividades, estas vão ter repercussão em todo o território. Numa época em que os monarcas quase não se deslocavam, restringindo as suas saídas a uma área limitada à volta da capital, aos espaços das caçadas e excepcionalmente a locais de peregrinação e termas,

⁶ «La cour, lieu où se distribuent les faveurs et les pensions...». APOSTOLIDÈS, Jean-Marie – *Le Roi-Machine. Spectacle et politique au temps de Louis XIV*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1981, p. 50.

⁷ «Les entrées princières, les arrivées de personnages notables, les événements familiaux de la vie du souverain, les traités de paix, et de multiples autres occasions offraient également au peuple de remarquables spectacles.». MUCHEMBLED, Robert – *Culture Populaire et Culture des Élités dans la France Moderne (XV-XVIII siècle)*. Paris: Flammarion, 1978, p. 173.

⁸ STRONG, Roy – *Arte y poder. Fiestas del Renacimiento 1450-1650*. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 158.

⁹ BEAUSSANT, Philippe – *Les plaisirs de Versailles. Théâtre et musique*. Paris: Fayard, 1996, p. 501.

¹⁰ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – O «Magnífico Aparato»: formas da festa ao serviço da Família Real no século XVIII, in *Revista de História*, vol. XII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, p. 155-220; idem – O «Magnífico Aparato»: formas da festa ao serviço da Família Real no século XVIII. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Coleção «Registos da História», nº 11, 2001.

os momentos festivos serviam para unir todo o território europeu e as colónias à volta da Família Real, reforçando assim a ligação «natural» entre vassallos e os seus soberanos. O despoletar de todo o processo festivo, após a chegada da carta régia que o anuncia, é promovido pelas autoridades locais (Senado da Câmara, Provedor da Comarca, autoridades eclesiásticas e militares) que, além de serem os principais organizadores do programa, vão motivar outras instituições (academias e irmandades) e particulares (nobreza e negociantes estrangeiros), a participar com outras realizações. O programa era constituído por festas religiosas (tríduos, missas, vésperas, procissões) e profanas (touradas, cortejos, representações teatrais, música e canto, danças e bailes, serenatas, encamisadas, cavallhadas, banquetes e refrescos, luminárias, fogo de artifício), que tinham como palco preferencial o mundo urbano, tanto nos seus espaços abertos (praças, ruas, jardins), como nos espaços fechados (igrejas, palácios, teatros).

Apontadas algumas das questões relacionadas com a festa, todas elas constituindo um frutuoso campo de estudo, queremos ainda referir que para a sua concretização são mobilizados escritores, poetas, pintores, escultores, cenógrafos, costureiros, entre outros criadores, assim como artistas e artífices, menos conhecidos, contribuindo todos, através dos seus textos e das montagens efémeras, para a glória do motivo festejado, para a afirmação da sua vassalagem, e para, no tempo festivo, uma parte da população se esquecer das dificuldades de um quotidiano.

Toda esta realidade se repetiu nas festividades de 1785 que, ultrapassando Lisboa/Vila Viçosa-Madrid/Aranjuez, os principais locais em que foram vividas, se estenderam do Minho ao Maranhão¹¹. O Porto, sendo a cidade «depois da capital, a mais illustre do Reino pela sua opulência e grandeza», aproveitou, através da festa apologética do poder, para mais uma vez mostrar a «lealdade e amor, que sempre tributou aos seus Soberanos».

2. Festejos no Porto (11 a 29 de Junho de 1785)

Ainda que o duplo consórcio se tenha realizado entre Março/Abril de 1785, só em 10 de Junho é que o Corregedor e Provedor da Comarca do Porto, Francisco de Almada e Mendonça (1757-1804)¹², recebeu a carta régia, pela qual era informado dos «Augustos Desposorios dos Sereníssimos

¹¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Formas da arte efémera..., p. 99.

¹² Francisco de Almada e Mendonça foi nomeado para Corregedor e Provedor da Comarca do Porto, pela Carta Régia de 2 de Março de 1784. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas*, vol. I. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1988, p. 43.

Infantes», e na qual se solicitava que fosse dado conhecimento da «alegre noticia» ao Senado da Câmara, e se recomendava que se fizessem «aquellas demonstraões de jubilo, que a fidelidade dos pòvos costuma manifestar em semelhantes occasiões.»¹³.

Temos também a informação que na vereação de 11 de Junho¹⁴, foi lida a carta da rainha, de 12 de Abril, em que participava os casamentos – «Não se póde assás explicar o alvoroço, com que foi recebida esta noticia pelo Senado, Corpo representativo d’huma cidade, que sendo, depois da capital, a mais illustre do Reino pela sua opulencia e grandeza, ainda o he mais pela lealdade e amor, que sempre tributou aos seus Soberanos».

«Registo da Carta Regia que Sua Magestade escreveo ao Senado da Câmara sobre a concluzam dos felices desposorios dos Sereníssimos Infantes.

Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da cidade do Porto. Eu a Rainha vos ínvio munto saudar. Havendo ajustado com El-Rey Catholico meu bom Irmaõ, e Thio os matrimonios do Infante Dom Joam meu muito amado, e prezado Filho, a a Infanta Dona Carlota Joaquina filha do Principe das Astúrias, e Neta do mesmo Rey Catholico; e o da Infanta Dona Mariana Vitoria, minha munto amada, e prezada Filha com o Infante Dom Gabriel Filho do sobredito Monarca: E tendo-se felizmente concluído os referidos Matrimónios, houve por bem, que logo se vos participasse à noticia destes plauziveis sucessos, tendo por certo o contentamento, que elles receberam os Meus Vassallos, e esperando, que o festejeis com aquellas plauziveis demonstraçoens, que sam proprias do vosso zello, e fidelidade, em tudo o que he da satisfaçaõ da Minha Real Família, e do bem commum destes Reinos. Escripto no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em doze de Abril de mil settecentos e oitenta e cinco = Rainha = Para o Juiz, Vereadores, e Procurador da Câmara da Cidade do Porto = lugar do sello = Pela Rainha. Ao Juiz, Vereadores, e Procurador da Câmara da Cidade do Porto».

O Senado, como principal responsável pelos festejos, nessa mesma sessão, determinou as principais iniciativas que deveriam ser realizadas: saída do bando, na forma do «estillo», para os três dias de repiques e luminárias nas respectivas noites; armação da Sé, com a maior pompa, para no dia 19 de Junho (domingo), ser cantada missa, com sermão seguindo-se da parte de tarde o *Te Deum Laudamos*, findo o qual sairia uma procissão, que percorreria o tradicional trajecto da procissão do Corpo de Deus. Para esta função exigia-se a melhor música, e as ruas, por onde passaria a procissão, deveriam ser cobertas com toldos. Para esta cerimónia religiosa o Senado enviou cartas ao Bispo e Cabido¹⁵. Decidiram ainda promover:

¹³ Segundo Suplemento á Gazeta de Lisboa., nº XXVIII, 1785, Julho. 16.

¹⁴ Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), Livro de Vereações 1784-1786, A-PUB/90, fl. 148-148v.

¹⁵ Carta escripta pelo Senado ao Excellentissimo e Reverendissimo Bispo deste Bispado sobre o mesmo assumpto.

Excellentissimo, e Reverendíssimo Senhor. Sua Magestade por carta assignada pela Mesma Senhora, e que hontem recebemos, foi servida participar nos acharem-se felizmente concluídos os despozorios do Senhor Infante Dom Joam com a Senhora Infanta Dona Carlota Joaquina filha do Sereníssimo Príncipe das Astúrias, e da Senhora Infanta Dona Mariana Vitoria com o Senhor Infante Dom Gabriel filho de Sua Magestade Catholica: e como a noticia destes sucessos tam plauzíveis, e de tanta satisfaçam para a Real Família, para nós os seus fieis vassallos e para o bem commum do Reino he de hum geral contentamento, para o fazermos manifesto com a devida demonstraçam de nosso prazer, temos determinado três dias de luminarias, e no domingo dezanove do corrente dar a Deos as devidas graças se assim for do agrado de Vossa Excellencia com Missa de Circulo, Te Deum Laudamus, e Procisam no fim do enserramento do Santissimo, na certeza de que faltando nos o splendor, com que Vossa Excellencia costuma fazer brilhantes estas acçoens, a que temos projectato se nam poderá ultimar com a pompa correspondente a hum objecto tam plauzível, e o nosso contentamento; sendo este motivo, porque se faz indispensável supplicarmos a Vossa Excellencia queira comprovar esta nossa dispoziçam: A que assim esperamos, lembrando da efficacia, e zello com que Vossa Excellencia nos tem ajudado a aplaudir outros sucessos igualmente gostozos; Ao daquella ocaziaõ, que possa manifestar o reverente obzequio, que a Vossa Excellencia protestamos. Deos guarde Vossa Excellencia. Porto em Camara honze de Junho de mil settecentos oitenta e cinco = Joam Manoel Guerreiro de Amorim Pereira = Manoel de Figueiroa Pinto = Joze Cirne de Sousa de Madureira = Diogo Leite Pereira de Mello = Carlos Vieira de Mello.».

Resposta

Illustrissimo Senhor: Com a maior vontade officiarei a Acçaõ de Graças, que Vossa Senhoria inventa fazer celebrar no dia dezanove do corrente mez, pela felicidade de estarem concluídos os Despozorios do Sereníssimo Senhor Infante Dom Joam com a Sereníssima Senhora Infanta Dona Carlota Joaquina filha do Sereníssimo Príncipe das Astúrias; e da Sereníssima Senhora Infanta Dona Mariana Vitoria com o Sereníssimo Infante de Hespanha Dom Gabriel filho de El rey Catholico: da mesma forma executarei tudo o mais, que ao do gosto de Vossa Senhoria; e o que for do seu serviço. Deos guarde a Vossa Senhoria muntos annos. Paço Episcopal em honze de Junho de mil settecentos oitenta e cinco. Bispo do Porto.

Carta escripta pelo Senado ao Reverendíssimo Cabbido da Sé.

Illustrissimo, e Reverendíssimo Senhor. Sua Magestade por carta assignada pela Mesma Senhora, e que hontem recebemos foi servida participar nos acharem-se felizmente concluídos os despozorios do Senhor Infante Dom Joam com a Senhora Infanta Dona Carlota Joaquina filha do Sereníssimo Príncipe das Asturias, e da Senhora Infanta Mariana Vitoria com o Senhor Infante Dom Gabriel filho de Sua Magestade Catholica. E como a noticia destes sucessos tam plauzíveis e de tanta satisfaçam para a Real Família, para nós os seus fieis vassallos, e para bem commum do Reino he de hum geral contentamento, para fazermos manifesto com a devida demonstraçaõ do nosso prazer, temos determinado três dias de luminarias, e no domingo dezanove do corrente dar a Deos as devidas graças, havendo missa de circulo, Te Deum Laudamus, e procissam no fim do enserramento do Santissimo Sacramento: O que tudo participamos a Vossa Senhoria, para que seja servido concorrer com a sua assistência a fim de se ultimar esta açam com pompa correspondente a hum objecto tam plauzível no nosso contentamento. Deos guarde a Vossa Senhoria muntos annos. Porto honze de Junho de mil setecentos oitenta e cinco = Joam Manoel Guerreiro de Amorim Pereira = Manoel de Figueiroa Pinto = José Cirne de Souza de Madureira = Diogo Leite Pereira de Mello = Carlos Vieira de Mello.

Resposta

Illustrissimos Senhores, Juiz de Fora, Vereadores desta cidade. Para nam faltar huma só circunstancia, ao gosto com que pela terceira vês daremos a Deos as devidas graças, pelos felicissimos consorcios de Suas Altezas, athe recebermos prezenemente huma

três noites de comédias públicas, «na casa delas», mandando-se chamar o seu empresário (Joaquim Ferreira de Veras, «impresario da Opra») para com ele se ajustar o preço; realizar-se-iam corridas de touros, em três tardes e na «praça actual deles», ajustando-se com o seu administrador o que em cada umas das tardes se lhe havia de dar, fazendo-se os carros necessários para a entrada. Por último, seriam feitas outras manifestações festivas que fossem consideradas necessárias.

Estas seriam as principais festividades a realizar, deixando-se ainda a possibilidade de outras manifestações por parte da Câmara e por parte de outros promotores, entre os quais se iria evidenciar o Bispo do Porto.

2.1. Saída dos Bandos

Deu-se início aos festejos, a partir do dia 11 de Junho, com a tradicional saída do bando para anunciar pela cidade, a «toque de caixas e clarins», o «fausto successo». O grupo, vestido de gala, era constituído: pelo porteiro da Câmara; pelo alcaide da cidade; seis negros; e dois timbaleiros, todos a cavalo.

DESPESA COM OS BANDOS. ARMADOR JOSÉ PEREIRA COELHO BANDEIRA
<p>«Rol de tudo o que fis por ordem do Ilustríssimo Senado O primeiro bando constou de 6 pretos e dous tinbaleiros todos de caballo ornados com boas sedas de ouro e prata e xapeos com boas plumas e as bestas com boas cachaceiras e cobertas tudo 12.000 o porteiro bem asiado com boas bandas na capa e lhe dei xapeo com plumas e lasso e cabeleira 1.200 para a pursisaõ três tabardo com bandas nas tres capas de boas sedas da fabrica brancas cada capa 800 reis, 2400 o segundo bando hum tinbaleiro e dois clarins a caballo tudo com as mesmas vistiduras do primeiro 4.800 o porteiro outra vês com o mesmo aseyo 1.200 para os três dias de touros os mesmos pretos todos e tinbaleiros ricamente asiados todos as tres tardes e no ultimo dia emthe a meya noute cada dia 800 reis, 24.000»¹⁶ Total da despesa: 45.600 réis</p>

nova occaziam de mostrarmos quanto nos he agradável o condescender com Vossas Senhorias, ficando promptos, não só para o que nos pede na sua carta, mas para todas aquellas acções, que se encaminhar a comprazer com Vossas Senhorias. Deos guarde a Vossa Senhorias muntos annos. Porto em Cabbido de doze de Junho de mil settecentos e oitenta e cinco. Chantre Álvaro Barboza de Albuquerque = António Martins de Sampaio = Manoel Pinheiro de Aragão.».

¹⁶ Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), Livro do Cofre 1785 (Julho -Setembro), A-PUB/1289, fl. 166.

Como resultado do pregão do primeiro bando fizeram-se na cidade os usuais três dias de luminárias, e «ao mesmo tempo houve hum repique geral de sinos». Um segundo bando percorreria a cidade para exortar os habitantes a porem novamente luminárias nas noites de 18 e 19, véspera «do dia da função da Igreja», e os responsáveis das igrejas para, naqueles dias, continuarem com os repiques.

2.2. Cerimoniais na Sé e procissões

As duas principais cerimónias religiosas foram promovidas pelo Senado da Câmara e por D. João Rafael de Mendonça (1717-1793), Bispo do Porto de 1771 a 1793. Este¹⁷, depois de convocar o «Senado da Câmara [...], Governador, Nobreza, Relação e Ministros, todo o Clero Secular e Regular», celebrou na Sé¹⁸ Missa Pontifical¹⁹. Foi cantado *Te Deum* com toda a solenidade, seguido de procissão²⁰.

No dia 19 de Junho, como tinha sido determinado pela Câmara, com a Sé ricamente ornada²¹, pelo armador Francisco António Braga, D. João Rafael de Mendonça, «officiou pontificalmente» com o Santíssimo Sacramento exposto. Terminada a missa foi recitada «huma eloquentíssima Oração» pelo reverendo padre mestre Dr. Bartolomeu Brandão, Eremita de Santo Agostinho. Da parte de tarde foi cantado um *Te Deum*²², da autoria «do famoso» David Perez (1711-1778), pelos melhores músicos da cidade, «divididos em dous numerosos coros, a que correspondia alternadamente o

¹⁷ Segundo Suplemento á Gazeta de Lisboa, nº XXIII, 1785. Junho.11.

¹⁸ «mandou armar a Igreja Cathedral, com o maior asseio, e muito fóra do costume pela riqueza das tapeçarias e sedas com que foi adornada: igualmente mandou chamar toda a Musica que dentro da cidade e seu termo se póde ajuntar, tanto de vozes, como d'instrumentos».

¹⁹ «estando o SS. Sacramento exposto até á tarde desse Domingo».

²⁰ «com o SS. Sacramento, que Sua Excellencia levou pelas ruas da cidade, acompanhando todo o Clero Secular e Regular da cidade, Nobreza, e demais pessoas, que costumão concorrer a simlhantes acções de graças: e recolhendo-se a Procissão, deo Sua Excellencia a bênção com o SS. Sacramento, e se concluiu a função da Igreja. Já Sua Excellencia tinha mandado passar avisos para três noites de luminarias a todo o Clero Secular e Regular, em cuja demonstração a cidade também acompanhou a Sua Excellencia, illuminando todas as suas casas; o que junto com a harmonia dos sinos, produzio três noites de completa alegria para aquella cidade, que fazia a mais excellente vista, com especialidade o Palácio de Sua Excellencia, torres e mais edifícios da Cathedral.».

²¹ «o qual fez ornar a Cathedral com tanto gosto, como riqueza, de sorte que sendo ella hum dos mais vastos Templos de Portugal, todo se cubrio de preciosas sedas.».

²² O reverendo António Ferreira de Azevedo, Mestre da Capela da Sé, pela música do *Te Deum*, recebeu 144\$000 réis. A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 163.

Corpo Capitular»²³. O Bispo levando o Santíssimo Sacramento²⁴, participou na procissão, acompanhado pelo clero secular – convocado por um edital de D. João Rafael de Mendonça – e pelo clero regular, este convidado pela Câmara, tendo percorrido as principais ruas da cidade, ricamente guarnecidas. Acompanhou a procissão o primeiro Regimento do Porto, que depois da procissão se ter recolhido à Sé deu três salvas «geraes» no largo da catedral²⁵.

2.3. *Espectáculos no Teatro do Corpo da Guarda*

Nos dias 20, 21 e 22 de Junho foi franqueado, «a toda a classe de pessoas», o Teatro do Corpo da Guarda, inaugurado em 1760, onde se representaram farsas «exquisitas» com danças alusivas à festividade. No dia 27 foi repetido o mesmo espectáculo «fazendo o Illustrissimo Corregedor insinuar às pessoas distintas, que nesse dia deixassem o Theatro livre ao povo, cuja atenção para com estes úteis membros da sociedade mereceu os louvores até das pessoas excluídas». Pelos espectáculos, o empresário «da Opra» Joaquim Ferreira de Veras, recebeu a quantia de 595\$200 réis²⁶.

2.4. *Cortejos e touradas na praça de touros da Torrinha*

Nos dias 24, 25 e 26 de Junho «se correrão touros»²⁷ na praça que existia no lugar conhecido por Torrinha, na freguesia de Cedofeita. Depois da entrada de João de Almada e Melo (1703-1786), Governador das Armas e das Justiças do Porto, o Senado, «que sempre assistio de gala em camarote determinado»²⁸, mandava dar início ao «festim» que, em cada um dos três dias, «se praticou na ordem seguinte»:

²³ «A todos estes actos assistio o Excellentissimo Bispo vestido de Pontifical, o Cabido paramentado, e o Senado de gala».

²⁴ «a pezar d'huma indisposição, que então padecia».

²⁵ Foi esta função hum dos actos mais magnificos e devotos, que se tem feito naquella cidade, cujos moradores juntos com o immenso povo que acudio dos contornos e provincias, fizerão tão grande concurso, que foi necessário guarnecer com soldadesca os lados da procissão para lhe abrir o caminho.».

²⁶ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 163.

²⁷ «Dizem Veríssimo da Fonseca Telles, e Francisco Telles que elles suplicantes fizerão asistencia nos três dias dos touros no curro o primeiro para pintiadura de todas as figuras, e o segundo em hir nos mesmos dias no carro triunfante...». A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 191.

²⁸ «Recebemos do senhor Manoel Joze Gomes, Escrivão da Correição da Comarca trezentos trinta e seis mil reis que nos deu por ordem do Illustrissimo Senado da Camera pelo ajuste que fizemos das armaçoens dos carros e figuras, e camarotes nos dias dos festejos que fez o mesmo Senado para o que fizemos o presente que assignamos de como recebemos. Porto 26 de Julho de 1785. Plácido Lino dos Santos Teixeira. João dos Santos Teixeira». A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 148.

- entrada no campo de uma guarda militar de cem homens, com lanças na mão, vestidos com fardas verdes²⁹, os quais depois de reverenciarem o Senado, se dispersavam ao som de instrumentos bélicos;
- seguia-se a figura da Fama, a cavalo³⁰, ricamente vestida, recitando versos em louvor dos «Desposorios, do Senado, e do Governador», sendo acompanhada de seis criados, bem montados e ricamente vestidos;
- entrava, depois, um carro puxado por quatro mulas, onde um chafariz, «d'excelente architectura», regava o terreiro, «para apagar o pó»;
- após o carro de aguardar entrava uma carroça de cinquenta palmos de altura, puxada por seis cavalos, ricamente arreados; este carro representava o Parnaso, onde se viam Apolo, as nove Musas, e outros «Deuses da Gentilidade», cantando «os vivas dos augustos Desposorios», acompanhados de uma completa orquestra, que «com vestidos apropriados se achava collocada na falda daquelle monte»;
- seguia-se outro carro em forma de nau, ornada com vasos de flores artificiais, onde ia outra orquestra, e na câmara um trono com duas figuras alusivas «ao objecto da festividade»;
- retirados os carros, via-se no campo uma contradança de jardineiros, constituída por vinte participantes³¹, «vestidos do character que representavão», fazendo no meio do bailado uma arcada de flores composta de vinte e quatro arcos.

Terminado o bailado, entrava o neto, a cavalo, ladeado dos vaqueiros e capinhas, e depois o toureiro, fazendo ambos ao Senado «as cortezias de costume». Finda esta cerimónia dava-se início à tourada³².

Nos três dias de touradas apareceram no curro várias máscaras – «muitas causarão admiração pello seu asseio, riqueza, e character próprio» e outras «pela sua galanteria» – que formaram «algumas danças ao som d'instrumentos»: uma de janízaros, «a mais vistosa»; uma de hotentotes,

²⁹ «feitas de propósito para este acto».

³⁰ «montada em hum soberbo cavallo bem ajaezado».

³¹ «Recebemos secenta e quatro mil reis que nos entregou o senhor Manuel Joze Gomes Pereira pertencentes à dança que fizemos no campo de touros nas festas que fes o Illustrissimo Senado da Camera cuja quantia hé para repartir por vinte pessoas que nella se occuparão a três mil e duzentos cada hum e por estarmos satisfeitos pasamos este para clareza que asinamos três de nós. Porto quinze de Julho de 1785. Bernardo António Ferreira de Amorim. Manoel Dias. Manoel Joaquim».

³² «ostentando o toureador e capinhas toda a destreza da arte».

com o seu rei «em hum carro»; e uma de mouros, «muito numerosa». No último dos três dias, a praça de touros foi iluminada, com cerca de três mil luzes, fazendo «huma excellente vista d'arcada».

No espectáculo de touros actuou Rodrigo Xavier de Almeida, que recebeu «doze moedas de ouro [...] por gratificação das tardes» que toureou³³. Nas touradas participaram quatro capinhas (Caetano Facaso, Francisco Leal, Amaro José de Zambuie e Jerónimo Rodriguez)³⁴, e nove forcados (Remizio José, Joaquim Ribeiro, Joaquim Xavier, Leandro Pereira, Francisco Crespo, Vicente Palhaça, Bernardo Sucena, António dos Reis e Manuel Carvalho)³⁵.

Na última noite de touros o curro foi iluminado, com perto de três mil luzes, «que fazião huma excelente vista d'arcada», trabalho executado por Vicente Gomes³⁶.

2.5. Cavalhada

A festividade «se coroou» com uma grande cavalhada, composta pela mocidade mais ilustre do Porto, o que «com as muitas luzes, harmonia das Orquestras, asseio dos carros triunfaes, danças, refrescos, mascaras, e versos que improvisamente se recitavão, nada deixava que desejar».

2.6. Festividade do onomástico de D. Pedro III

No noite de São Pedro, «em obsequio a El Rei Nosso Senhor», D. Pedro III, Francisco de Almada e Mendonça, «á sua propria custa», mandou repetir a iluminação. Nessa noite, onde «tudo se executou ainda com melhor direcção», entre o grande número de máscaras, distinguiu-se um rancho formado por uma «completa Orquestra, remeiros, e bandeiras», que se achava num escaler, «posto em sima d'hum jogo de carrinho, toldado de seda», «fingindo» um divertimento marítimo. O escaler estava guarnecido de muitos lampiões de cristal que, depois de iluminados «fazião hum efeito admirável». Em lugar de repetirem a cavalhada, fizeram outra no «genero de burlesco»³⁷.

³³ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 142.

³⁴ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 143.

³⁵ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 144.

³⁶ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 115.

³⁷ «que causou grande regozijo ao immenso numero d'espectadores que acudio: e estes divertimentos, que forão bastantemente completos, maiores haverião sido se huma chuva que repentinamente cahio lhes não tivesse obstado».

2.7. *Despesas com os festejos*

Os gastos dos festejos pagos pelo Senado foram avultados, encontrando-se documentada a despesa que foi feita, o que nos permite, além do conhecimento das verbas dispendidas, conhecermos os nomes dos participantes, directos ou indirectos, das festividades. Não procurando no âmbito deste trabalho sermos exaustivos em relação aos gastos, queremos chamar a atenção para alguns aspectos que consideramos de maior interesse.

O primeiro que queremos referir é o pagamento de propinas, a várias entidades e funcionários, que vão de 100\$000 réis a 20\$000 réis. A primeira quantia receberam entre outros: o Desembargador e Corregedor da Comarca (Francisco de Almada e Mendonça); o Desembargador e Corregedor do Crime (Manuel da Costa); o Juiz de Fora (João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira); os vereadores (Manuel de Figueiroa Pinto, Carlos Vieira de Melo, José de Sousa Cirne, Diogo Leite Pereira); o Procurador da Cidade (Bento José Dourado); o Escrivão da Câmara (João Caetano Telo e Sousa). Quantias de 50\$000 réis pagaram-se ao Contador do Cofre (Manuel José da Fonseca Bagalhé); de 30\$000 réis receberam os almotacés (João Pedro Gomes de Abreu José Nunes de Matos); e finalmente quantias de 20\$000 réis foram dadas ao Agente da Câmara (João Duarte Lopes), ao Guarda da Câmara (Francisco José Ribeiro Guimarães), ou ao Guarda da Relação (Joaquim Manuel Teixeira)³⁸. O segundo é a oferta de caixas de doces na procissão de Acção de Graças às entidades oficiais e a alguns particulares, como é o caso de D. Ana Joaquina de Lancastre, mulher do Governador das Armas³⁹.

³⁸ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Janeiro-Junho), A-PUB/1288, fl. 1-2.

³⁹ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 160-160v., 161-161v.

LISTA DE ALGUMAS VERBAS DISPENDIDAS⁴⁰

Ao empresário da Casa da Ópera, Joaquim Ferreira Veras – 595\$200 réis
 Ao «Palanqueiro» dos touros, Bernardo António Monteiro – 864\$000 réis
 Ao Mestre da Capela da Sé, pela música do *Te Deum*, reverendo António Ferreira de Azevedo – 144\$000 réis
 Ao armador, Francisco António Braga, pela armação da Sé – 159\$090 réis
 A José Pereira Rocha⁴¹, pela armação dos dois bandos – 45\$600 réis
 A Diogo José Leite e a Manuel João, alquiladores, pelas bestas par os dois bandos – 6\$500 réis
 A Custódio José Moreira e a António Ribeiro de Faria, negociantes, pelo aluguer das «linhajes» para os toldos – 96\$000 réis
 A Manuel José de Mendonça e companheiros por coserem e armar os toldos – 60\$000 réis
 A António da Cunha Freitas pelos paus par armar os toldos – 28\$800 réis
 A António Ribeiro da Silva Queirós, oficial do expediente do Senado, pela escrituração de todas as ordens para a função – 12\$800 réis
 A Francisco José Ribeiro Guimarães, guarda da Câmara – 9\$600 réis
 A Francisco José de Passos, alcaide da cidade, e a Miguel José Ribeiro, escrivão da vara, pela assistência aos dois bandos – 12\$800 réis (6\$400 réis para cada um)
 A Manuel José da Fonseca e Almeida, escrivão da almotaçaria, e a Silvestre de Almeida, meirinho, pela assistência aos dois bandos – 12\$800 réis (6\$400 réis para cada um)
 A Manuel José, a João José da Silva e a Francisco José Ferreira de Almeida Lemos, «embandeirados» pelo trabalho de levarem as bandeiras da cidade – 4\$800 réis (1\$600 réis para cada um)
 A António Rodrigues, a José Maria de São Boaventura, a José Esteves Soares Malta, a José Costa, a Leandro José Soares, e a António José dos Santos Leal, meninos do coro da Sé, pelo trabalho da função e procissão – 4\$800 réis (800 réis para cada um)
 A Manuel Luís da Costa e a Luís da Cunha de Melo, quadrilheiros do Senado – 7\$200 réis (3\$600 réis para cada um)
 A Domingos Gonçalves, a Manuel dos Reis de Oliveira, a Francisco Gonçalves de Oliveira, e a Domingos Ribeiro de Faria, quadrilheiros da Correição da Comarca, pelo trabalho da função – 14\$ 400 réis (3\$600 réis para cada um)
 A José Moreira, pregoeiro do Senado, pelo trabalho da função – 2\$400 réis
 A Gonçalo José Ribeiro, sineiro da Sé, pelo trabalho dos repiques e luminárias, nos cinco dias da função – 4\$000 réis
 A Manuel José Ferreira, moço da fábrica da Sé, pelo trabalho na função – 2\$400 réis

No rol das despesas, são muitos os nomes de intervenientes nas diversas festividades que ficaram registados e que merecem ser recordados, entre os quais queremos realçar: Belchior Sanches – «Belchor Sanches» – recebeu 43\$200 réis do trabalho que teve da «pintura y risco nas obras do Ilustre

⁴⁰ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl.163-165v.

⁴¹ Assina o pagamento José Pereira Coelho Bandeira, o Pinguinha.

Senado da Câmara⁴²; o músico Agostinho Pio da Silva que fez a cópia da música (8\$100 réis), e os nove ensaios da dança (14\$400 réis), a 1\$600 réis por ensaio⁴³; o mestre Capela da Sé, padre António Ferreira de Azevedo, que fez a musica para os carros das festas⁴⁴; António da Silva Leite, que recebeu 12\$800 réis pela composição da musica que serviu para os festejos dos «carros triunfantes»⁴⁵; e o armador Francisco António Braga, que com a sua equipa (Domingos de Sousa, Joaquim José Moreira, Manuel da Cunha, Pedro da Cunha, José António), fez a armação na Sé para o *Te Deum*⁴⁶. Fixamos ainda os nomes de: Lino António Ribeiro, funileiro, que fez setenta e três lanças, setenta e três engates para as mesmas, duas «cartazanas», uma trombeta, uma bomba, uma espada grande, e um chafariz⁴⁷; Manuel Gomes Monteiro que forneceu trinta pares de «soletas» para os músicos que foram no carro triunfal⁴⁸; José António de Miranda que forneceu roupas para as touradas⁴⁹; e Manuel José de Sousa Lobo que forneceu tecidos (durante de cores, «ruão» preto, seda de matiz, tafetá pérola, cetim preto, veludo preto, holanda crua, «durguete» preto e escarlata, tafetá carmesim, serafina azul e vermelha), chapéus para os pretos, meias de algodão e seda, setenta mascarar, mais oitenta e cinco mascarar, vinte e seis bigodes e galão de prata⁵⁰

3. Conclusão

O empenho que as entidades civis e religiosas demonstraram nos festejos comemorativos do Duplo Consórcio ficou patente com as diversas

⁴² A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 131.

⁴³ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 103.

⁴⁴ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 145.

⁴⁵ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 146.

⁴⁶ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 168.

⁴⁷ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 94.

⁴⁸ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 101.

⁴⁹ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 106.

⁵⁰ A.H.M.P., Livro do Cofre 1785 (Julho-Setembro), A-PUB/1289, fl. 112-112v, fl. 140, fl. 141, fl. 147, fl. 149, fl. 150, fl. 151, fl. 152, fl. 154, fl. 186 Registamos ainda os seguintes nomes: José Arsénio da Costa recebeu doze moedas (57\$600); António Manuel de Moura recebeu 24\$000 réis, e Francisco José de Passos 24\$000 réis; Joaquim António Teixeira, recebeu 48\$000 réis; José Vichi recebeu 48.000 réis; José Pinto dos Santos recebeu seis moedas de ouro (28\$800 réis); Bernardo António Monteiro recebeu 192\$000 réis; Tomás Guadagnini recebeu 6\$400 réis; e pagamentos diversos, em que se fala do mestre carpinteiro José Moreira, do oficial António Pereira, do oficial Francisco José, do oficial António da Cunha; e Joaquim Ferreira de Veras, recebeu mais 34\$110 réis, das despesas da Casa da Ópera.

realizações que por vários dias ocuparam os portuenses. O programa, que ultrapassou as tradicionais luminárias e cerimónias religiosas, contemplou os habitantes da cidade com espectáculos variados, onde, em muitos deles, participaram como espectadores/actores, principalmente nas tradicionais mascaradas e cavalhadas.

Ao longo dos festejos, cuja finalidade ao comemorar um acontecimento da Dinastia de Bragança era unir os portuenses, de todas as classes sociais, à família reinante, vemos em Francisco de Almada e Mendonça, além do grande promotor dos festejos, o garante da fidelidade e respeito que os povos devem manter em relação à família real. A acção de Francisco de Almada e Mendonça, figura central do relato das festas, é realçada, no final da narração que seguimos, de forma laudatória: «Não se pode assás louvar as providencias que em todos estes festins deo o Illustrissimo Corregedor da Comarca, para evitar as desordens que costumão succeder em similhantes occasiões, principalmente em huma cidade tão populosa. As suas acertadas disposições, generosidade, e zelo em procurar que tudo se fizesse com pompa, ainda com grande despeza sua, mostrarão que he digno filho d'hum Fidalgo⁵¹, que há muitos annos governa aquella cidade com a maior satisfação dos seus habitantes.».

Os portuenses, devidamente orientados pelas autoridades, souberam, através da festa, demonstrar a sua lealdade a um Poder, que pela festa, esteve mais presente entre os habitantes do Porto.

⁵¹ João de Almada e Melo.